

EDITORIAL

Kanavillil Rajagopalan

O que significa assumir uma postura crítica no mundo de pesquisa e de produção de conhecimento? Antes de procurar responder a essa pergunta, talvez valha a pena desfazer algumas idéias parcial ou totalmente errôneas que estão sendo alardeadas por aí sobre ela. Afinal, a palavra *crítica* e suas variantes morfológicas estão em moda, justamente a razão pela qual devemos ter cuidado redobrado em sua utilização e clareza quanto a seu emprego.

De uma forma muito ingênua, há quem diga que uma postura crítica se resume e se esgota em uma certa atitude de desconfiança em relação às verdades estabelecidas e fortemente arraigadas na tradição e, por esse motivo, raramente posta em questionamento. Num campo do saber institucionalmente consolidado, tal atitude se traduziria, na prática, em um gesto ousado de deixar em suspenso todos os postulados, proposições axiomáticas que servem de alicerces para o conjunto de trabalhos sendo desenvolvido naquilo que se convencionou chamar, a partir de Kuhn (1962), de a ‘ciência normal’. No caso específico da Lingüística, isso implicaria aceitar como abertos para discussão princípios básicos como o de que a tarefa do(a) lingüista é descrever as línguas naturais, jamais prescrever sobre elas, ou o de que é a fala, e não a escrita, que se constitui na manifestação autêntica da linguagem.

Ora, embora seja correto dizer que todo(a) intelectual crítico(a) é movido por uma boa dose daquilo que podemos chamar de ‘ceticismo saudável’, isso por si só não garante que seus pensamentos se caracterizem como críticos, ao menos no sentido que a maioria dos teóricos críticos contemporâneos gostaria de atribuir ao termo. Isto é, a atitude de desconfiança ou “incredulidade diante de toda e qualquer metanarrativa”, expressão posta em circulação por Jean-François Lyotard, para sintetizar a condição pós-moderna, é apenas um primeiro passo em direção à adoção de uma postura crítica — é necessária, mas nem de longe suficiente. Caso contrário, René Descartes, autor do clássico *Discurso sobre o método*, seria — quem diria — o próprio patrono do pensamento crítico. Pois, como é sabido, a grande proeza pela qual Descartes garantiu seu lugar no “Hall of Fame” da filosofia moderna foi a de ter erigido toda uma

epistemologia, toda uma metanarrativa (aquela que define o espírito da própria modernidade) por meio de um procedimento que consistiu em sistemática e incansavelmente querer duvidar de tudo, inclusive do próprio ato de duvidar.

Há também uma certa ingenuidade na opinião de alguns pesquisadores que querem desqualificar qualquer necessidade de pleitear uma postura crítica, alegando que em um campo do saber como a Lingüística Aplicada, jamais alguém consegue deixar de ser crítico, posto que (no entender deles) todo(a) pesquisador(a) que trabalha nessa área é constantemente convocado(a) para escolher entre diferentes propostas teóricas, ou seja, a postura crítica estaria em jogo todas as vezes em que houvesse a necessidade de uma escolha entre propostas teóricas diferentes e divergentes. Ledo engano. Porque, para um(a) pesquisador(a) crítico(a), a questão da escolha não é uma questão de ter de optar entre ‘malabarismos’ epistemológicos alternativos. A escolha diz respeito a sua conduta, modo de agir e intervir no estado de coisas que é identificado — a escolha é, enfim, da ordem ética e não epistemológica. Portanto, a ética não é uma questão do saber, se por ‘saber’ entendemos um vasto arcabouço de proposições cuja integridade e coerência são garantidas pelas leis da lógica; a ética é uma questão de agir, que é movida pela vontade de fazer algo (*making a difference*), de intervir numa realidade percebida como atravessada por iniquidades. Isto é, quem entende o campo da Lingüística Aplicada como um campo do saber como qualquer outro está, no mesmíssimo gesto, abdicando de qualquer direito de reivindicar uma postura crítica dentro daquele campo.

De uma forma mais maliciosa do que ingênua, há quem rejeite sumariamente qualquer possibilidade de uma postura crítica séria e cientificamente admissível. Para os defensores dessa condenação apressada, o que o(a) pensador(a) crítico(a) quer é defender seu ponto de vista político-partidário, e o que vem a ser imperdoável, apresentar seus argumentos de cunho ideológico como se fossem parte de uma proposta científica. Pois, na ótica deles, um suposto pensador crítico estaria correndo em direção a um objetivo impossível de se alcançar uma vez que ciência e ética, teoria e política seriam pares de termos incompatíveis. Ou seja, na avaliação desses críticos implacáveis da postura crítica (não há nenhuma contradição aqui, posto que, para eles, ‘criticar’ tem o único sentido de desprezar, rejeitar, etc.), alguém que se apresenta

como um(a) intelectual crítico(a) é, na melhor das hipóteses, um pobre coitado desinformado, que confunde suas convicções político-partidárias com proposições genuinamente científicas e, na pior das hipóteses, um charlatão, um impostor, um vigarista que tenta passar por um(a) cientista, mas, na verdade, quer tirar proveito do enorme prestígio do discurso da ciência a fim de arrebanhar para sua causa política os incautos e os desavisados. Na primeira hipótese, uma teoria crítica seria uma “contradição em termos” (Widdowson, 1998), um oximoro primário e grosseiro; na segunda, seria ela uma pseudo-ciência (Hammersley, 1997), algo que parece uma ciência, mas, sob olhar atento, revelar-se-ia uma falsificação que pode provocar danos irreparáveis.

A maldade a qual me referi ao chamar de maliciosa a segunda das duas formas de descaracterizar ou desqualificar a teoria crítica tem a ver com o fato de que aquele(a)s que se posicionam contra a teoria crítica dessa maneira estão sendo, ele(a)s mesmo(a)s, autoritário(a)s e ideologicamente cego(a)s, na medida em que reivindicam para sua própria concepção do que vem a ser uma teoria um estatuto absoluto e desprezam todos aquele(a)s que optam por não empregar o termo com a mesma aceção. A maldade está em que ele(a)s sabem muito bem que o caráter contraditório que ele(a)s imputam ao termo *teoria crítica* tem a ver com a forma como ele(a)s, o(a)s não crítico(a)s, interpretam os termos, forma esta que é justamente o que está sendo contestado pelo(a)s seu(ua)s desafeto(a)s.

O ser crítico é, antes de mais nada, uma questão de *ser*. O pensar faz parte integral do seu ser e é diretamente influenciado por ele. Dessa forma, o teórico e o prático se encontram na forma como o(a) teórico(a) crítico(a) pensa/age. Aliás, pensar é agir para ele(a). O(a) intelectual crítico(a) é um(a) ativista, desde que entendamos tal caracterização com todos os cuidados. A teoria que ele(a) produz não é mais um arcabouço de elucubrações engenhosas, meticulosamente conjugadas umas às outras, de tal sorte que o conjunto de proposições que resultam formem um universo coeso, sem lacunas e sem fendas. A teoria crítica é produto de intervenção sistemática em arcabouços teóricos herdados desde os primórdios da história, intervenção esta que parte de um(a) intelectual, ciente do seu aqui e agora, e que sabe que a única forma de dialogar com tais arcabouços é tentando entendê-los de onde eles(elas) se encontram. Significa, portan-

to, que a teoria crítica (ou será que não devíamos falar daqui em diante em ‘as teorias críticas’, no plural?) vem recheada da ‘biografia e subjetividade’ de quem se empenha em sua elaboração (Rampton, 1995; Rajagopalan, 1999a, 1999b e no prelo).

Justamente por estar atrelada a um aqui e agora é que devemos admitir que a teoria crítica não é totalizável. A teoria crítica, na forma como este pesquisador prefere conceituá-la, não é uma proposta teleológica. Mais ainda, toda teoria crítica é, por definição, sujeita ao mesmo processo que lhe conferiu a sua forma crítica — novos olhares, cada um com um novo aqui e agora. A teoria crítica é, por excelência, uma teoria cuja disseminação se dá através do processo que Derrida chama de *iterabilité* — repetição do irrepetível. O adjetivo *crítica* serve de lembrete constante de que toda teoria, inclusive ela mesma, está em crise. Não é por acaso que as duas palavras *crítica* e *crise* têm parentesco etimológico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Hammersley, M. On the foundations of critical discourse analysis. *Language and Communication*, 17 (3): 237-248, 1997.
- Kuhn, T. S. *The structure of scientific revolutions*. Chicago: The University of Chicago Press, 1962.
- Rajagopalan, K. Tuning up amidst the din of discordant notes: on a recent bout of identity crisis in applied linguistics. *International Journal of Applied Linguistics*, 9 (1): 99-119, 1999a.
- . Critical approaches and their raison d'être: a rejoinder to Brumfit and Widdowson. *International Journal of Applied Linguistics*, 9 (1): 127-134, 1999b.
- . The philosophy of applied linguistics. A. Davies e C. Elder (orgs.) *A handbook of applied linguistics*. Londres: Blackwell Publishers, no prelo.
- Rampton, M. B. H. Politics and change in research in applied linguistics. *Applied Linguistics*, 16: 233-256, 1995.
- Widdowson, H. The theory and practice of critical discourse analysis. *Applied Linguistics*, 19 (1): 136-151, 1998.
- . On the limitations of linguistics applied. *Applied Linguistics*, 20 (1): 3-25, 2000.